

Entrevista

Newton da Costa: O Homem, o Lógico e o Filósofo



Breve apresentação de Newton da Costa

O professor Newton da Costa – como é carinhosamente chamado por seus alunos – é, sem dúvida, o lógico mais importante do século XX em língua portuguesa, destacando-se também como filósofo da lógica, da matemática e teórico do método científico. Elaborou valiosas contribuições a diversos campos do saber teórico e filosófico. Juntamente com inúmeros outros estudiosos brasileiros e estrangeiros, Newton da Costa fez escola, a qual se usa nominar “Escola de da Costa”. Seus membros, alguns dos quais gozam de reputação internacional, nele tiveram e têm seu professor, mentor, inspirador e colaborador.

Newton Carneiro Affonso da Costa nasceu em 16 de setembro

de 1929, em Curitiba, estado do Paraná. Segundo seu próprio depoimento, foi no seio da família que recebeu estímulo e direcionamento que seriam decisivos para seus interesses teóricos futuros. Newton da Costa formou-se Engenheiro Civil em 1952, Bacharel em Matemática em 1955, e Licenciado em Matemática no ano seguinte, em 1956. Ele cumpriu os requisitos para o título de Doutor em Ciências (Matemática) com a aprovação no concurso de Livre-docência, em 1960, tendo se tornado Professor Catedrático de Análise Matemática e Análise Superior em 1964. Todos esses graus acadêmicos foram obtidos na Universidade do Paraná, a qual, após a reforma universitária de 1969, passa a denominar-se Universidade Federal do Paraná. Quanto à atividade docente, especialmente no ensino universitário, são os seguintes, os vínculos institucionais mais significativos na carreira de Newton da Costa. Ele lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Em 1954 e 1955 atuou como instrutor de geometria. Nos anos seguintes, ele atua na área de análise matemática e análise superior: em 1956 como instrutor; de 1957 a 1959, na qualidade de professor regente, de 1959 a 1964 como livre-docente; de 1964 a 1967 como professor catedrático. Em 1960, Newton da Costa atua como professor assistente do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos (SP). Em 1968 e 1969, Newton da Costa atua como professor titular do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Universidade Estadual de Campinas. Em 1970, Newton da Costa obtém a transferência do seu cargo de professor catedrático, da Universidade Federal do Paraná para a Universidade de São Paulo, a qual é aprovada por unanimidade pela Congregação do Instituto de Matemática e Estatística, posição na qual permanece até 1981. É membro fundador do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Universidade Estadual de Campinas, criado em 1977, no qual até hoje atua. De 1982 a 1985, Newton da Costa é professor titular do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual

de Campinas. No ano seguinte, em 1986, ele leciona na qualidade de professor titular colaborador na área de lógica, no Departamento de Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, efetivando-se em 1991, com a aprovação de Newton da Costa em concurso público. Ele lá atua até o seu jubileu em 1999. Desde 2003 colabora com o programa de pós-graduação do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Por ocasião de seus 80 anos, completos em 2009, o egrégio Conselho Universitário da Universidade Estadual de Campinas outorga-lhe o título de Professor Emérito.

Newton da Costa é um dos grandes responsáveis pelo Brasil ser, hoje, relevante em lógica em nível mundial. Ele é o fundador da lógica matemática no Brasil, desenvolveu sua cultura lógica de modo autócoto e autodidata, aprendeu lógica diretamente na melhor literatura internacional sobre o assunto em sua juventude. Seu grande talento permitiu-lhe criar a lógica paraconsistente de modo independente de Stanisław Jaśkowski, em 1963, com a publicação de *Sistemas Formais Inconsistentes*, sua tese de cátedra apresentada, defendida e aprovada na Universidade do Paraná, no ano seguinte. Mais tarde, a partir de 1986, Newton da Costa formula e desenvolve sua teoria da quase-verdade, a qual, em certo sentido, generaliza a teoria da verdade de Tarski, constituindo-se um modelo alternativo para conceber a noção de progresso em ciência, ao mesmo tempo em que oferece o ferramental teórico para que se codifique claramente os mais diversos tipos de inferência no âmbito das teorias científicas, inclusive das situações de inconsistência teórica.

Newton da Costa é bem-sucedido não apenas no que diz respeito ao seu projeto de erigir um sistema completo de filosofia da ciência, mas também em envolver, nutrir, favorecer e cooperar com toda uma escola de estudiosos dedicados à lógica, em cada uma de suas múltiplas facetas. Essas parecem ser pistas promissoras para compreender que o que tem acontecido em seu redor e de sua escola, mas também na comunidade lógica brasileira, não tem sido mero acaso ou fruto das circunstâncias.

Todos os que foram alunos de Newton da Costa ou que com ele convivem recordam-se do quão privilegiados foram ao partilharem o ambiente acadêmico inspirador que ele sempre soube criar e preservar.

Acreditamos que o grau de sucesso alcançado por da Costa e sua escola se colimam às características que Domenico De Masi identifica essenciais à fenomenologia do ato criativo, as quais identificamos em seu dia-a-dia acadêmico. Com efeito, ali constatamos a existência de imperativos ético-organizacionais comuns a grupos criativos, como o interclassismo, o antiburocratismo, o antiacademicismo, o universalismo, o internacionalismo e os imperativos práticos da parcimônia; o amor ao belo e à modernidade tecnológica. Tais características sempre permearam os seminários de lógica conduzidos pelo professor Newton da Costa, donde resulta a fecunda formação de quadros para a lógica no Brasil que multiplica suas qualidades pela atuação de seus ex-alunos e colaboradores.

Em breve será lançado o livro *Para além das Colunas de Hércules, uma história da paraconsistência: de Heráclito a Newton da Costa*, pela Editora da Unicamp, de nossa autoria. Já pelo título do livro se pode depreender que Newton da Costa é o último de uma ilustre fileira de intelectuais a estabelecer definitivamente a paraconsistência. O livro pretende oferecer, entre outras análises, um relato histórico acurado acerca do desenvolvimento do pensamento de Newton da Costa, de sua lógica e demais criações filosóficas suas.

*Evandro Luís Gomes**

*Itala M. Loffredo D'Ottaviano***

* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

** Doutora em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Entrevista

E&F¹ – *Que pessoas de seu círculo familiar e pessoal foram decisivas para sua formação?*

da Costa – As maiores influências vieram de meus pais, Sylvia e Dimas, de meu irmão Haroldo e de duas irmãs de minha mãe, Carmen e Lygia, assim como de meu tio materno Milton. Minha mãe era professora de francês e me fez amar a cultura francesa, conversando comigo sobre escritores como Victor Hugo, Anatole France e Valéry. Tia Carmen ensinava inglês e, com seu auxílio, ainda muito jovem, li autores ingleses tais como Oscar Wilde e Bertrand Russell. Tia Lygia, entre outras coisas, era professora de história da música, tendo me colocado em contato com as obras de Bach, Beethoven e Brahms, assim como com as de Chopin, Mendelsshon e Schumann, entre outros. Meu pai e meu irmão muito contribuíram para despertar meu interesse pela matemática e seus fundamentos, bem como pela ciência em geral. Tio Milton incutiu em mim uma profunda atração em relação à filosofia, inclusive pela lógica em sua forma atual, que ele considerava uma disciplina independente da filosofia propriamente dita; com ele tomei conhecimento de pensadores

¹ Esta entrevista foi realizada entre 20 de setembro e 21 de outubro de 2016, por escrito, a partir da residência do entrevistado. Prepararam, conduziram e finalizaram a entrevista, em nome da *Revista Educação e Filosofia*, os ex-alunos do entrevistado, Evandro Luís Gomes e Itala M. Loffredo D'Ottaviano, dos Departamentos de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas, respectivamente. Para outras entrevistas de Newton da Costa confira: (a) DA COSTA, N. C. A. *Depoimentos orais realizados pelos Arquivos Históricos do CLE-Unicamp – Entrevista de Newton Carneiro Affonso da Costa*. Entrevistado por E. Morelli com a participação de A. Loparic, E. H. Alves, L. P. de Alcântara, I. M. L. D'Ottaviano e W. Carnielli em 12/10/1991. Campinas, 1991. 73p.; (b) DA COSTA, N. C. A. *O conhecimento científico*. 2ed. São Paulo, Discurso Editorial, 1999. Apêndice; (c) GOMES, E. L. *Sobre a história da lógica paraconsistente e o trabalho de da Costa: o estabelecimento da Lógica Paraconsistente*. Tese (Doutorado em Filosofia). Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2013. pp. 641-665.

tais como Sócrates, Platão, Aristóteles e Kant, tratando com mais detalhes de autores como Henri Poincaré e Bertrand Russell. Em meu ambiente familiar também era comum se discutir questões de filosofia prática, política e religião. Meus familiares sempre me deram a impressão de que eu deveria me dedicar a uma carreira universitária, procurando tentar realizar algo na área à qual me devotasse. Assim se desenham minhas influências familiares, inicialmente com meus pais, Sylvia e Dimas, de meu irmão Haroldo e de duas irmãs de minha mãe, Carmen e Lygia. Posteriormente, minha esposa Neusa e meus filhos Newton Jr., Sylvia Lúcia e Marcelo ampliaram enormemente o apoio familiar. Em especial, Neusa se constituiu em pilar básico de tudo que faço.

E&F – *Como o senhor descreveria o Brasil de sua infância e juventude?*

da Costa – O Brasil era um país subdesenvolvido, em especial nas áreas que me interessavam mais: lógica matemática e filosofia da ciência. Naquela época quase não havia ninguém nesse domínio do conhecimento no Brasil. Em particular, não havia pesquisa séria em nível internacional.

E&F – *E quanto ao ambiente intelectual e matemático em Curitiba?*

da Costa – O ambiente matemático em Curitiba, cidade da UFPR, no tocante à pesquisa, praticamente não existia. Nos anos 50 do século passado, no entanto, foi contratado pela Universidade do Paraná o estatístico português João Remy Teixeira Freire, que foi a pessoa que incentivou a constituição da Sociedade Paranaense de Matemática e procurou desenvolver a pesquisa matemática original na universidade paranaense. Entre outras atividades, colocou um grupo de jovens paranaenses em contato com matemáticos portugueses e de outras regiões, inclusive da França, implementado a pesquisa séria em matemática no Paraná. Em particular, a lógica matemática sempre figurou entre os tópicos considerados relevantes por Remy Freire. Foi graças a ele que entrei em contato com lógicos e matemáticos de outros países. A publicação de meus trabalhos iniciais em lógica, nos *Comptes Rendus* da Academia de Ciências de Paris, que tiveram tanta repercussão internacional, somente foi possível, pelo apoio

do lógico francês Marcel Guillaume, obtido, direta ou indiretamente, por influência de Rémy Freire.

E&F – *Que figuras inspiraram-lhe o amor ao conhecimento científico, apreço à reflexão filosófica e à lógica?*

da Costa – Sobretudo Bertrand Russell, Rudolf Carnap, Federigo Enriques, Willard Quine, Karl Popper e Patrick Suppes. Mas sofreu influência de pensadores franceses tais como Henri Poincaré, Jean Cavailles, Albert Lautman e Leon Brunschvicg. Deixo de falar com detalhes dos matemáticos que exerceram influência sobre quase tudo que realizei na matemática, tais como David Hilbert, Ludwig Brouwer e Hermann Weyl, pois estou sendo entrevistado em uma revista de filosofia. No entanto, menciono o fato de que N. Bourbaki exerceu uma grande influência sobre mim, especialmente no tocante à teoria dos conjuntos, à álgebra e à topologia geral. Ademais, li muito das obras de autores tais como Steven C. Kleene, Alain Turing, John B. Rosser e Kurt Gödel, extraordinários lógicos matemáticos. Convém que fique claro que a influência de pensadores como Russell e Carnap foram mais de natureza “metodológica” do que de “conteúdo”. Assim, por exemplo, o princípio da tolerância de Carnap, que sempre me atraiu, pode ser encarado apenas qual procedimento metodológico geral. Esses e outros filósofos me auxiliaram mostrando-me aspectos relevantes da filosofia e me conduzindo à filosofia da ciência, sobretudo da matemática e da física.

E&F – *No início de sua carreira intelectual não havia cursos sistemáticos de lógica ‘moderna’ – simbólica ou matemática – no Brasil. De que forma, então, o senhor inicia seus estudos em lógica?*

da Costa – Comecei pelo estudo do belo livro de Quine intitulado *O Sentido da Nova Lógica*, que me foi sugerido por meu tio Milton Carneiro, irmão de minha mãe, que era Professor Catedrático de História da Filosofia da UFPR. Meu tio me deu um exemplar do livro de Quine nos anos quarenta do século passado, bem como, para que eu tivesse uma idéia da lógica como era tratada entre nós, naquela época, o livro

de L. Liard, *Lógica*. Porém, sou basicamente um autodidata. O acesso à literatura de ponta naquela época era principalmente feito, pelo menos em meu caso, através de duas revistas de resenhas críticas que a Sociedade Paranaense de Matemática recebia: *Mathematical Reviews* e *Zentralblatt für Mathematik*. Ademais, eu mantinha contato com matemáticos de São Paulo e Rio de Janeiro que me ajudaram, tais como Cândido Lima da Silva Dias, Edison Farah e Leopoldo Nachbin. Eu também escrevia a lógicos do exterior, que me auxiliaram muito, tais como John Rosser e Marcel Guillaume. Três livros básicos para mim foram *Introduction to Metamathematics*, de S. C. Kleene, *Mathematical Logic*, de J. B. Rosser, e *Introduction to Mathematical Philosophy*, de Bertrand Russell. Em Curitiba, nos anos de minha formação, havia algumas pessoas com quem eu podia falar sobre lógica, pelo menos de temas lógicos de caráter geral, como alguns dominicanos. Um dos frades foi Pedro Klaver Fier. Ele foi um frade que se doutorou na Estados Unidos com uma tese de história da lógica, que, se bem me lembro, referia-se à obra de Duns Scotus; posteriormente passou a professor titular da UFPR e da Faculdade Católica do Paraná. Em São Paulo e Rio de Janeiro, havia interessados em lógica, sem, contudo, a cultivarem, realizando pesquisas originais; por exemplo, Vicente Ferreira da Silva em São Paulo, e Constantino de Barros no Rio. Também em São Paulo, Edison Farah me impressionou desde que li sua tese versando, em boa parte, sobre teoria dos conjuntos, impressão que se confirmou pelo contato direto; ele era um perfeccionista em matemática e me fez compreender bem o que significa rigor em matemática, contribuindo, também, para aumentar meu amor pela teoria criada por Cantor. De um modo geral, sou um autodidata e o contato direto ou por correspondência com outros matemáticos e lógicos sempre me auxiliou muito; dentre estes, destaco L. Henkin, W. Craig, M. Guillaume, W. O. Quine, P. Dedecker e P. Suppes. Em síntese, a relação com eles foi extraordinariamente relevante para mim.

E&F – *No início de sua jornada intelectual não havia a estrutura de pós-graduação como hoje. Como o senhor realizou o aprofundamento de sua formação científica?*

da Costa – Eu procurava fazer uma boa base de lógica e de matemática, sobretudo da lógica que se desenvolvia no hemisfério norte, em especial nos Estados Unidos (assinei o *Journal for Symbolic Logic*, tirando enorme proveito das resenhas dessa revista). Ademais, foram de extraordinária importância para mim as obras de autores tais como Kleene, Rosser, Gödel e Quine. Sempre procurei ler os trabalhos originais de grandes lógicos e filósofos. Mas quero deixar claro que nunca pude aceitar, inteiramente ou em grande parte, as teses de qualquer filósofo. Eles me influenciaram no sentido de que me sugeriram problemas ou chamaram minha atenção para certos temas metodológicos. Por exemplo, Russell me levou a estudar muita lógica, sem que eu aceitasse as teses filosóficas caras a ele.

E&F – *Que questões e problemas teóricos já chamavam sua atenção no início de sua carreira? Que filósofos, cientistas ou matemáticos foram importantes nessa etapa de sua formação?*

da Costa – Mais ou menos no início de minha carreira eu me devotava ao problema da consistência em lógica e da possibilidade de lógicas que pudessem derogar os princípios da não contradição ou da identidade. Foram muito os autores que exerceram influência sobre meu pensamento em geral, sobretudo Quine, Russell, Carnap, Tarski e vários pensadores franceses, como Poincaré e Couturat.

E&F – *Autores como Bertrand Russell e Rudolf Carnap inspiraram-lhe questões, abordagens e problemas teóricos que depois foram importantes para o desenvolvimento do seu pensamento?*

da Costa – Sem nenhuma dúvida, devo muito a Russell e Carnap. Aliás, a influência de Russell vai muito além da lógica, incluindo tópicos como ética, política e metafísica. Afirmações como a seguinte, de Russell, sempre me cativaram: “I would never die for my beliefs, I could be wrong.” Faz tempo, eu formulei um Princípio de Tolerância que evidencia muito

bem minha posição face à lógica, análogo ao formulado por Carnap em Sintática, e que assim se enuncia: do prisma sintático-semântico, toda teoria matemática é admissível, desde que não seja trivial. Em sentido lato, *existe*, em Matemática, o que não for *trivial*.

E&F – *Quando lhe ocorreu, a primeira vez, formular uma lógica que pudesse lidar com a inconsistência sem o inconveniente da trivialização formal?*

da Costa – Na década de 50 do século passado, tendo como motivação leituras variadas e pelo meu grande interesse pela teoria dos conjuntos e seus paradoxos, como os de Russell e de Cantor.

E&F – *O sucesso do intuicionismo de Brouwer ao relativizar o princípio do terceiro excluído, encorajou-o a investigar a possibilidade de também relativizar o princípio da não contradição?*

da Costa – Encorajou, sem nenhuma dúvida. Todavia, não posso esquecer, também, de relacionar a existência de sistemas lógicos que não englobavam o princípio do terceiro excluído.

E&F – *Muitas pessoas encaram a paraconsistência como um projeto teórico anticonsistente, antinômico, absolutamente avesso à logicidade clássica. A paraconsistência codificada dedutivamente em sua hierarquia de lógicas coincide com essa opinião?*

da Costa – A lógica paraconsistente pode ser encarada como complemento da clássica ou como sua rival. Na realidade, ela não é absolutamente avessa à logicidade clássica, porém pode ser concebida como uma espécie de complemento. Assim, essa lógica foi aplicada em áreas variadas do conhecimento, na maior parte dos casos como complemento da clássica; por exemplo, em inteligência artificial, bases de dados, engenharia de software, processamento de sinais, computação neural, controle inteligente, robótica, controle de tráfico em grandes cidades, finanças, teoria da decisão, teoria dos jogos e lingüística computacional. Nestas situações, ela em geral é um complemento da lógica clássica. Em outras situações, ele é rival da clássica, como se dá em formalizações da dialética, em

algumas interpretações da mecânica quântica e na axiomatização da teoria dos objetos de Meinong.

E&F – *À época da criação da lógica paraconsistente que tipo de aplicação da paraconsistência lhe interessava primeiramente, aplicações à matemática ou à filosofia?*

da Costa – Em primeiro lugar, quando comecei a pensar em uma teoria de conjuntos na qual conjuntos como os de Russell e de Burali-Forti pudessem existir, pois isto implicava a possibilidade de se construir uma lógica que não se trivializasse na presença de contradições. Em segundo lugar, algumas aplicações à filosofia, tais como uma sistematização da dialética e uma investigação apropriada da teoria dos objetos de Meinong.

E&F – *O senhor conviveu com grandes nomes da filosofia e da lógica no século XX, como Quine, Tarski, von Wright, dentre outros. Com que outros grandes nomes o senhor convivera e que impressões eles lhe relataram sobre a paraconsistência?*

da Costa – Penso que a paraconsistência não agradou nem a Quine nem a Tarski, embora encantasse von Wright. A grande maioria de meus amigos lógicos mais chegados, como Francisco Miró Quesada, Marcel Guillaume e Nicola Grana, eram admiradores da paraconsistência.

E&F – *O senhor edificou uma escola, que hoje é conhecida como “Escola de da Costa”, que congrega estudiosos de lógica, matemática, filosofia e tecnologia? Como isso se deu? A que o senhor atribui o sucesso em engajar tantas pessoas de tantas nacionalidades num projeto acadêmico comum?*

da Costa – A referida ordem de estudos originou-se e desenvolveu-se naturalmente, sem dogmatismos. Isto se deu pela atração do tema, que foi se impondo pouco a pouco. Todas essas características, em minha opinião, é que explicam, em boa parte, seu sucesso.

E&F – *Antes da “Escola de da Costa” existiu a “Escola de Curitiba”. Como o senhor avalia a importância do trabalho feito em Curitiba para o desenvolvimento da lógica no Brasil, particularmente, para o desenvolvimento da lógica paraconsistente?*

da Costa – A chamada Escola de Curitiba, que durante dez anos (por volta de 1960) organizei e incentivei, foi a origem não apenas da evolução da lógica paraconsistente entre nós, como, além disso, de toda a lógica que hoje se faz no Brasil, seja paraconsistente ou não.

E&F – *Qual a sua visão da filosofia? Em sua opinião, que qualidades um filósofo ou professor de filosofia deve necessariamente satisfazer?*

da Costa – O que faço e sempre fiz em filosofia consiste basicamente no exercício do tirocínio crítico relacionado sobretudo com a matemática, a física e a filosofia. Mas me dedico muito ao devaneio metafísico. A principal qualidade de um professor de filosofia, suposto sério e competente, é a independência de espírito governada por uma atitude não dogmática.

E&F – *E acerca da matemática? Como a pratica e a cultiva? Do seu ponto de vista, que qualidades intelectuais deve um matemático deve possuir?*

da Costa – A matemática é uma disciplina pura e abstrata que sempre exerceu grande fascínio sobre mim. Procurei praticá-la tanto como cultor da lógica, mas também com interesse amplo em seus fundamentos e em suas aplicações em vários domínios do saber.

E&F – *Hoje há uma certa tendência, especialmente no meio filosófico, em distinguir “lógica filosófica” de “lógica matemática”. Como isso lhe parece?*

da Costa – Creio que o que se deve distinguir é lógica pura de lógica aplicada. A chamada lógica filosófica me parece mais como certo tipo de lógica aplicada a certos tópicos de filosofia.

E&F – *Quais de suas contribuições intelectuais mais lhe aprazem?*

da Costa – A lógica paraconsistente, a teoria da quase-verdade e o que realizei em fundamentos da matemática e da física. Acerca da teoria da verdade, acredito que ela codifique a ideia de que a ciência não vai de verdade em verdade, mas de horizonte de verdade em horizonte de verdade, o que parece muito interessante se considerarmos o desenvolvimento histórico da ciência, particularmente, das ciências naturais.

E&F – *O que o senhor recomendaria a quem gostaria de formular um pensamento independente e original?*

da Costa – Recomendo preparo técnico na área que se deseja trabalhar e espírito crítico; ademais, é preciso que se tenha tremenda dedicação aos objetivos que se tem em mente.

E&F – *O que deve saber alguém que queira ser lógico? Como deve preparar-se a pessoa que deseja contribuir para os futuros desenvolvimentos nessa área de investigação?*

da Costa – Minhas recomendações básicas são principalmente três: 1) Estudar matemática, especialmente teoria de conjuntos, álgebra e topologia geral; 2) Dedicar-se à lógica hodierna com devoção; 3) Procurar formar uma idéia nítida da evolução histórica da lógica, possuindo, em particular, uma boa visão da aplicações da lógica atual.

E&F – *Certa vez o senhor disse, relativamente à fundação da paraconsistência, que o importante não é ser o primeiro, mas o último? Qual o contexto de sua afirmação?*

da Costa – Diz-se de Cristovão Colombo que ele foi o último descobridor da América, pois parece que antes dele outros aqui chegaram; no entanto, depois de Colombo, não pode mais haver outro descobridor. Minha relação com a lógica paraconsistente é, penso, análoga à de Colombo no tocante à descoberta da América.

E&F – *Como o senhor se sente ao ser considerado o “Pai da Lógica no Brasil” e também o “Fundador da Lógica Paraconsistente”?*

da Costa – Fico muito contente com isso, sobretudo porque evidencia que o brasileiro pode pensar de modo original, sem se limitar a copiar ou simplesmente a tratar daquilo que se fez em centros mais desenvolvidos.

E&F – *Como o senhor se sente ao ver seus alunos e colaboradores, hoje, bem considerados no ambiente acadêmico, tanto nacional quanto internacionalmente?*

da Costa – Esse fato me enche de orgulho e torna claro que meu enorme esforço não foi em vão.

E&F – *Gostaríamos de agradecer-lhe por conceder-nos esta entrevista ao número comemorativo da Revista Educação e Filosofia que completa 30 anos nesta edição.*

da Costa – Espero que esta entrevista ajude a divulgar e a motivar pessoas para que continuem a trabalhar em lógica, filosofia e fundamentos da ciência. Gostaria, igualmente, de agradecer o convite para esta entrevista à *Revista Educação e Filosofia*, na figura de seu editor, professor Marcos César Seneda.